

LEV VIGOTSKI

MEDIAÇÃO,

APRENDIZAGEM

E DESENVOLVIMENTO

Uma leitura filosófica e epistemológica



ESTA OBRA FOI IMPRESSA EM PAPEL RECICLATO 75% PRÉ-CONSUMO, 25 % PÓS-CONSUMO, A PARTIR DE IMPRESSÕES E TIRAGENS SUSTENTÁVEIS. CUMPRIMOS NOSSO PAPEL NA EDUCAÇÃO E NA PREVERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE.

JANETTE FRIEDRICH

LEV VIGOTSKI

MEDIAÇÃO,

APRENDIZAGEM

E DESENVOLVIMENTO

Uma leitura filosófica e epistemológica

Tradução:

Anna Rachel Machado

e Eliane Gouvêa Lousada

MERCADO[®]
LETRAS

© Direitos reservados para a língua francesa: Janette Friedrich, 2010
Universite de Geneve, Faculte de Psychologie et des Sciences de L'Education
Título original: *Lev Vygotski: médiation, apprentissage et développement*
Une lecture philosophique et épistémologique

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Friedrich, Janette

Lev Vigotski : mediação, aprendizagem e desenvolvimento : uma leitura filosófica e epistemológica / Janette Friedrich ; tradução Anna Rachel Machado e Eliane Gouvêa Lousada. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2012.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-218-8

1. Educação – Filosofia 2. Psicologia educacional 3. Vigotski, Lev Semenovich, 1896-1934 I. Título.

12-03691

CDD-370.15

Índices para catálogo sistemático:

1. Teoria vigotskiana : Psicologia escolar e do desenvolvimento humano 370.15

Capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide

Revisão: Luiza Guimarães Santos

Jessica Aparecida de Lima

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS[®] EDIÇÕES E LIVRARIA LTDA.

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514

CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1^a edição

ABRIL/2012

IMPRESSÃO DIGITAL

– IMPRESSO NO BRASIL –

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
--------------------	---

Ana Luiza Smolka

INTRODUÇÃO	11
----------------------	----

O programa e o método	11
---------------------------------	----

Nota biográfica	14
---------------------------	----

capítulo 1

A PSICOLOGIA É POSSÍVEL COMO CIÊNCIA?	21
---	----

A análise da crise em psicologia	23
--	----

O projeto de uma psicologia geral	29
---	----

Por um realismo científico	34
--------------------------------------	----

capítulo 2

O TERMÔMETRO DA PSICOLOGIA	41
--------------------------------------	----

Métodos diretos e indiretos	41
---------------------------------------	----

O conceito de psiquismo	47
-----------------------------------	----

capítulo 3

A IDEIA DE INSTRUMENTO PSICOLÓGICO	53
O funcionamento do instrumento psicológico	53
Natural/artificial versus natural/cultural	59
A astúcia da razão ou o conceito de atividade mediatizante	63
Duas observações conclusivas	71

capítulo 4

A FORMAÇÃO DOS CONCEITOS NA CRIANÇA	77
Crítica dos métodos da definição e da abstração	77
Dois estudos experimentais: os dispositivos de Ach e de Sakharov/Vigotski	81
Os estágios de formação dos conceitos	89
O objeto de uma psicologia do desenvolvimento	96

capítulo 5

O APORTE ESPECÍFICO DA ESCOLA	99
A distinção entre conceitos cotidianos e conceitos científicos	99
As duas neoformações adquiridas na escola	106
A relação entre aprendizagem e desenvolvimento	108

CONCLUSÃO	119
---------------------	-----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	123
--------------------------------------	-----

PREFÁCIO

A proposta de tradução para o português do presente texto de Janette Friedrich mostra-se oportuna e instigante. Os leitores podem, no entanto, perguntar: por que mais um livro sobre Vigotski? O que esse pequeno livro pode acrescentar ao que já se sabe sobre Vigotski nos dias de hoje?

A novidade dessa publicação encontra-se no modo como a autora lê e dialoga com a teoria de Vigotski, como compreende e discute suas ideias, como nos convida a uma leitura que nos leva a *pensar no interior do pensamento do autor*. Como ela mesma diz, não se trata de reproduzir as ideias de Vigotski ou de falar dele, mas de pensar *com* ele.

O amplo e profundo conhecimento que a autora tem da História da Filosofia, da Psicologia, dos Estudos da Linguagem e das Ciências da Educação permite a ela situar a obra de Vigotski no âmbito das Ciências Humanas, destacando e redimensionando questões que foram por ele levantadas e que ainda hoje suscitam acirradas discussões.

Friedrich apresenta Vigotski como *psicólogo, pesquisador do ensino e da escola*. Aqui, ela já marca um ponto de vista e ressalta um dos objetivos de suas interlocuções nesse trabalho, que consiste em explicitar a fundamentação filosófico-epistemológica das ideias do autor, discutindo as implicações dessas ideias para o ensino e a educação formal. O livro reúne, assim, um conjunto de pontos cruciais da obra de Vigotski, dentre os quais se destacam o método, o psiquismo humano, o instrumento psicológico, a elaboração conceitual, as relações de ensino.

Friedrich começa por analisar as condições e possibilidades do conhecimento científico em psicologia, comentando sobre diferentes formas de configuração dos problemas na área. Traz para discussão questões sobre objeto, método e princípio explicativo, explorando as relações entre *fato* e *conceito*, e mostrando como essas relações se inscrevem no movimento histórico das ideias.

Detendo-se no exame de métodos diretos e indiretos na pesquisa científica, a autora aponta para as não-coincidências que se evidenciam entre a observação imediata e o conhecimento científico, e argumenta, com base nos textos de Vigotski, sobre a importância da interpretação de traços, pistas, sinais, nos estudos do psiquismo humano.

É importante, então, compreender esse conceito de base nas elaborações do autor: o *psiquismo* media a relação do sujeito com o mundo; o psiquismo *não representa* o mundo, mas *trabalha o mundo*. Signos, palavras, conceitos, são instrumentos psicológicos, de natureza não orgânica, que mediam, constituem, regulam, e possibilitam controlar os processos psíquicos.

Nas discussões e na explicitação do conceito de instrumento psicológico, uma importante contribuição de Friedrich se evidencia. Em diálogo com o autor, ela vai pontuando passagens e trechos que mostram uma ênfase no caráter *artificial* desses instrumentos. Friedrich argumenta que Vigotski defende a tese da criação de recursos e instrumentos artificiais pelo homem, com base nas propriedades naturais do tecido cerebral. É a partir, portanto, dos próprios recursos naturais que o homem cria novas possibilidades de ação e criação. Os argumentos de Vigotski indicam, portanto, que ele não opõe o natural ao cultural, mas evita tanto o reducionismo naturalista quanto sociocultural.

Outra questão realçada pela autora é a caracterização da atividade mediada ou mediatizada (*médiatisée*), que implica a intervenção direta do homem sobre a natureza; e da atividade mediadora ou mediatizante (*médiatisante*), que implica a interposição da ação de outros instrumentos e recursos na realização de uma atividade. Assim, a atividade humana – ao mesmo tempo mediada e mediadora – afeta o próprio homem, enquanto sujeito que, utilizando instrumentos psicológicos, se objetiva na realização de sua própria atividade, nela se desdobra, se (re)conhece. Essa operação é possível pela emergência e produção da forma verbal de linguagem, que tem nesse processo um papel fundamental.

É esse papel fundamental da palavra, instrumento psicológico privilegiado, que passa a ser objeto de considerações da autora nos últimos capítulos do livro. A linguagem e a elaboração conceitual; a linguagem e a atividade voluntária; a linguagem e a tomada de consciência; as possibili-

lidades de generalização; a emergência de novas formações; são questões examinadas pela autora na relação com a educação formal e a instrução escolar. Nas relações de ensino, o professor mostra, aponta, desenha, indica, e o aluno, participando da atividade de ensinar, elabora processos e conceitos, produz conhecimento na e pela linguagem. A escola potencializa, assim, o conhecimento e o *saber* do aluno e sua capacidade de ação, seu *poder fazer*. A educação se evidencia como *desenvolvimento artificial* da criança, no sentido de um trabalho de (trans)formação do homem sobre o homem.

Ressaltando, portanto, questões nucleares do pensamento de Vigotski, esse livro se abre a muitas interlocuções. O diálogo de Friedrich com Vigotski e outros autores como Gadamer e Wittgenstein, por exemplo, nos inspira e nos convoca a entrar, ativamente, nessa roda de conversas. Se vários conceitos se articulam e se explicitam no texto, alguns provocam também controvérsias e indagações. Como a própria autora admite, a noção de sujeito, que se encontra implicitamente vinculada à noção de (utilização de) instrumento psicológico, demanda investigação. Não só a noção de sujeito, mas a noção de linguagem como instrumento psicológico, retorna para discussão, assim como o potencial dos instrumentos técnicos e semióticos e sua participação nas (oper)ações dos sujeitos. Nas intensas relações da teoria com a empiria, a escola, como instituição social historicamente estabelecida, apresenta-se ainda hoje como campo empírico especialmente fecundo para problematização e investigação dessas questões.

Ana Luiza Smolka

INTRODUÇÃO

O programa e o método

O começo do século XX foi um momento decisivo para a constituição das ciências do homem. A psicologia, as ciências da educação, assim como a linguística e a sociologia ganham autonomia em relação à filosofia e criam suas próprias infraestruturas: laboratórios, postos universitários, revistas científicas específicas de cada disciplina começam a aparecer. Esse período foi também o dos fundadores. Wilhelm Wundt (1832-1920) cria o primeiro laboratório de psicologia em Leipzig e trabalha na psicologia experimental. Na França, Alfred Binet (1857-1911) desenvolve uma das primeiras grandes pesquisas sobre o desenvolvimento intelectual da criança. E, em Genebra, Édouard Claparède, em 1912, funda o Instituto Jean-Jacques Rousseau, a chamada escola das ciências da educação. Um grande número de correntes que até hoje dominam o pensamento teórico e os métodos empíricos nas ciências do homem se constituíram nesse período. Entretanto, embora essa diversificação das teorias e das pesquisas tenha sido uma das características

fortes dessa época, uma delas, atualmente, às vezes, parece ter sido esquecida ou deixada de lado. Essa geração dos fundadores das ciências humanas produzia um saber sobre o homem ainda não esfacelado em um saber puramente disciplinar. Isso se explica pelo fato de que a maioria era formada nas faculdades de filosofia e que, mais tarde, nelas ensinavam psicologia, pedagogia ou linguística. Além disso, a filosofia detinha ainda seu papel de “ciência das ciências”, pelo menos no plano epistemológico. Assim, encontramos nas obras desses fundadores não só resultados novos e aplicáveis pelos profissionais e métodos que vão fazer escola, mas também reflexões epistemológicas e filosóficas que focalizavam, sobretudo, a capacidade das ciências humanas de produzirem um conhecimento do homem que pudesse, de direito, ser chamada de *científica*. Essa imbricação entre um pensamento filosófico *para* as ciências do homem e um saber especificamente disciplinar faz com que a leitura de seus textos frequentemente seja difícil. Ao mesmo tempo, essa situação dá ao leitor atual a possibilidade de descobrir ideias que não foram retomadas por seus sucessores ou teses que nem sempre encontraram acolhidas nas correntes que, desde então, continuam a se desenvolver em uma especialização cada vez maior.

Essa volta ao fundamento das ciências humanas, tal como é proposto neste livro, visa, portanto, a duas coisas. De um lado, tem o objetivo de fazer conhecer a história dos pensadores e das ideias com base nas quais construíram e ainda constroem nossas concepções sobre o funcionamento do homem, como as que, por exemplo, tratam da educação. Portanto, trata-se de estabelecer o estado da

arte das fontes, dos germes, dos esboços de inúmeras ideias que hoje fazem parte dos conhecimentos confirmados e institucionalizados no quadro das ciências do homem. De outro lado, essa volta busca encontrar alguma coisa de novo, ainda não explorada em toda sua riqueza. Esse olhar sobre a história visa, de fato, ao potencial criativo das obras fundadoras, utilizando um método bem específico para detectá-lo e trabalhá-lo. Hannah Arendt (1906-1975), uma das raras mulheres filósofas do século XX, discorre sobre o método ensinado por seu professor, Martin Heidegger, em seus cursos de filosofia nos anos 20 em Heidelberg:

Decisivo quanto ao método era que, por exemplo, não se falasse *sobre* Platão e que não se expusesse sua doutrina das ideias, mas que um diálogo fosse desenvolvido e sustentado durante o semestre inteiro, até que ele não fosse mais uma doutrina milenar, mas sim, apenas uma problemática fortemente presente. (Arendt 1974, p. 310)

É esse método que tentaremos aplicar na apresentação de um dos fundadores incontestáveis das ciências do homem, a quem é dedicado este livro, um psicólogo e pesquisador no domínio do ensino e da escola. Trata-se do pensador russo e soviético Lev Sémionovitch Vigotski (1896-1934), que, desde os anos 80, é considerado como o pai da corrente histórico-cultural em psicologia e em ciências da educação.¹ Vamos discutir algumas partes de sua obra, tentando não “falar *sobre* ele”. O objetivo não

1. Essa leitura de Vigotski foi iniciada nos Estados Unidos (Wertsch 1985 e Bruner 1990, 1996).

é o de reproduzir suas ideias, de apresentá-las na forma de uma doutrina, de uma teoria bem definida e fechada, mas, como Arendt sugere, o de pensar no interior de sua obra. Será desenvolvido um diálogo, que tem por objetivo mostrar, no pensamento de Vigotski, determinados problemas e determinadas questões que ainda não chegamos a formular, mas que, entretanto, atualmente nos assaltam. Questões que parecem ser importantes de colocar, aqui e agora, para podermos pensar, para podermos tratar da *realidade* que nos interessa enquanto pesquisadores, professores ou formadores e que nos permitem no que nos aproximemos dessa “problemática fortemente presente” em sua obra.

Esse objetivo só pode ser atingido por meio de leituras e releituras dos textos de Vigotski. É a única maneira de proceder, a fim de evitarmos falar exclusivamente sobre o autor. *Mostrar* o que ele faz, o que ele diz, quando ele o diz; *pensar* o que ele pensa, quando o lemos – este livro não propõe mais que isso. Para aproveitar plenamente desse empreendimento, o leitor deve nos acompanhar com suas próprias leituras, a fim de atingir o objetivo principal: poder *pensar* no interior desta obra.

*Nota biográfica*²

Lev Sémionovitch Vigotski nasceu em Orcha, em 1896, em uma família judia culta. Um ano após seu nascimento, a família se instala em Gomel (Bielorússia), onde Vigotski passa sua infância e

2. Essas notas biográficas baseiam-se, sobretudo, na biografia muito rica e bem documentada da filha de Vigotski, Gita L. Vygodskaja e de Tamara M. Lifanova (2000); ver também Rochex (1997).

sua adolescência. Nessa época, Gomel era uma cidade reconhecida como ilustrada, com seus liceus, suas bibliotecas, seus teatros, com seu museu de Belas Artes. Muito cedo Vigotski participa dos círculos de amigos que se constituem como círculos de discussão sobre temas muito variados, como a história dos judeus, a história da filosofia, a dialética hegeliana, a arte poética. Em 1913, termina seus estudos secundários, deixa Gomel e vai para Moscou, onde começa estudos de medicina na Universidade imperial, estudos que abandona depois de um mês, para continuar no domínio do direito. Sua escolha é determinada pela situação bem específica dos judeus na Rússia dos tzares. De um lado, havia um *numerus clausus* para os estudantes de origem judia; de outro, era proibido por lei que se empregasse judeus como funcionários de Estado. Vigotski, portanto, teve de renunciar a seus estudos prediletos, isto é, à filosofia e à literatura, decidindo-se por uma profissão independente.

Paralelamente a seus estudos de direito, Vigotski se inscreve na Universidade popular de Chaniavski, na qual ele pode enfim seguir os cursos de história e de filosofia. A Universidade de Chaniavski, uma instituição pública de Moscou, aceitava estudantes independentemente do gênero, da nacionalidade, da religião e das convicções políticas. Depois dos protestos dos estudantes em 1911 na Universidade Imperial de Moscou, que terminaram com a intervenção policial do Estado, com uma violação aberta de sua autonomia, muitos de seus melhores professores a deixaram para exprimir sua profunda discordância. Muitos deles foram ensinar na Universidade de Chaniavski. Vigotski aproveitou-se dessa situação, que fez dessa Universidade um dos melhores estabelecimentos universitários da Rússia. Nela, ele seguiu os cursos e os seminá-

rios de Gustav G. Chpet³ (1879-1940), discípulo de Edmund Husserl (1859-1938), um dos maiores filósofos alemães do século XX e fundador do movimento fenomenológico. Nesse período, seus cursos foram consagrados ao *problema da consciência*, que Chpet, muito bom conhecedor da filosofia moderna, discutia em relação a seu projeto de uma filosofia científica. É provável que esses seminários tenham reforçado a atração de Vigotski pela psicologia, fazendo com que ele decidisse fazer dela a sua profissão.

Durante seus estudos, seu interesse pela literatura e pela arte, já despertada em Gomel, não para de crescer. Acompanhado de sua irmã, visita os teatros e museus da capital russa, publica resenhas e escreve, entre 1915 e 1916, um trabalho final de curso, com o título “A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca de W. Shakespeare”. Dez anos mais tarde, em 1925, Vigotski utiliza alguns capítulos desse texto para defender sua tese de doutorado, intitulada *A psicologia da arte* (Vigotski 2005), que tem por objeto a análise das reações e dos mecanismos psicológicos desencadeados pelas obras de arte. Entretanto, o livro só foi publicado pela primeira vez em 1965. Esse interesse pela arte e principalmente pela literatura nunca foi desmentido e grande parte de seus projetos dão a plena medida desse interesse. Dentre eles, mencionamos um projeto de colaboração com o célebre cineasta russo Serguéi M. Eisenstein (1898-1948), que não pôde ser realizado pela falta de tempo que restava a Vigotski.

Tendo acabado seus estudos em 1917, Vigotski volta a Gomel. O momento é propício, dado que o

3. Sobre Chpet (2007), ver o prefácio de Maryse Dennes na tradução francesa do texto “La forme interne du mot”.

governo oriundo da revolução de outubro tinha abolido todas as medidas de discriminação antisemitas e, a partir de 1919, Vigotski começa suas atividades pedagógicas. Ensina em várias instituições em sua cidade natal: em escolas públicas, em escolas profissionais, em instituições de trabalhadores ou populares e no instituto de formação de professores. Ensina língua e literatura russa, lógica, psicologia, história, ética e filosofia. A experiência adquirida nesses anos foi resumida e analisada pelo autor em sua primeira grande obra *A psicologia pedagógica*, que surge em 1926. Na escola de formação dos professores, ele abre um laboratório de psicologia, no qual se desenvolvem seus primeiros trabalhos experimentais sobre o processo de ensino e sobre as capacidades das crianças com deficiência mental. Dois domínios que ficam, no transcorrer de toda a sua vida, no centro de suas preocupações científicas.

Em 1924, Vigotski participa do II Congresso Panrusso de Psiconeurologia em Petrogrado, com três exposições sobre os resultados de suas pesquisas. Suas intervenções não passaram despercebidas e desencadearam mudanças em seu destino. Konstantin N. Kornilov (1879-1957), nomeado recentemente como diretor do prestigiado Instituto da Psicologia de Moscou, que ele visa a reorganizar, elaborando uma nova psicologia orientada por princípios marxistas, convida Vigotski para nele ir trabalhar. Essa proposta se explica, em grande parte, pelo projeto que Vigotski defendia em sua exposição intitulada “Os métodos de pesquisa em reflexologia⁴ e em pesquisa”. Nela, Vigotski critica

4. A reflexologia é a tentativa de conhecer e de inferir o conteúdo dos fenômenos psíquicos só a partir dos fenômenos fisiológicos

a influente corrente da psicologia russa apresentada por Vladimir Bekhterev (1857-1927) e Ivan P. Pavlov (1849-1936) e que excluía o estudo *objetivo* da consciência do campo da psicologia. Vigotski, usando a terminologia da reflexologia, esforça-se em mostrar como uma reintrodução do conceito de consciência se torna possível, sem ter que deixar o quadro de uma psicologia objetiva. A proposta de tomar “uma terceira via” é expressa em um segundo texto, que Vigotski escreve em 1925 sobre “A consciência como problema da psicologia do comportamento”, parecendo corresponder ao que Kornilov e muitos jovens pesquisadores do Instituto de Moscou buscavam desenvolver. Vigotski aceita o convite de Kornilov e se instala com sua futura mulher R. N. Smechova em Moscou, em um pequeno apartamento do Instituto, até se mudar para um apartamento maior, na rua Serpuchovskaja, onde moraram com suas duas filhas, Gita (1925) e Asja (1930). Em Moscou, começa um período de trabalho extremamente intenso, que tem seu fim em 1934, quando Vigotski perde seu combate contra a tuberculose, doença que desde Gomel rondava seus dias e o obrigava, durante toda a sua vida, a inúmeras hospitalizações.

No Instituto, ele conhecerá seus dois colaboradores mais próximos: Alexandre R. Luria (1902-1977) e Alexis N. Léontiev (1903-1979). Os três constituem o núcleo (chamado de a *troika*) de uma equipe de pesquisa que reúne um grande número de jovens pesquisadores cujo mestre, agora, é Vigotski. Os trabalhos realizados por Vigotski durante esses anos em Moscou são inúmeros e é impossível

e principalmente dos reflexos. Essa corrente pretendia desenvolver um estudo puramente objetivo em psicologia.

enumerá-los. Podemos classificá-los em quatro domínios: 1) problemas epistemológicos e filosóficos da psicologia, 2) trabalhos sobre o desenvolvimento e sobre a educação das crianças com deficiência, 3) textos teóricos, pesquisas empíricas, aulas sobre quase todos os domínios cobertos pela psicologia e pelas ciências da educação, 4) promoção e iniciação de traduções de autores ocidentais mais influentes da época (Sigmund Freud, Jean Piaget, William Stern) e a apresentação deles em prefácios e resenhas. Seus trabalhos em defectologia (Vigotski 1994) permitiram que fizesse sua única viagem ao exterior, passando por Berlim, Amsterdã e Paris, ele participa em 1925, em Londres, do 25º Congresso Internacional sobre a educação dos surdos-mudos.

No final dos anos 20, Vigotski e sua equipe veem suas condições de trabalho se degradarem. São cada vez mais confrontados a acusações políticas mascaradas em princípios científicos postos como progressistas. Seus trabalhos são oficialmente acusados de grande abertura para as ciências ocidentais e falta de aderência aos princípios de uma psicologia marxista. Esse clima de “limpeza ideológica” pesa duramente sobre a equipe de Vigotski.⁵ Léontiev⁶ deixa Moscou para trabalhar na Academia de Psiconeurologia da Ucrânia, em Charkow. Luria viaja entre essas duas cidades e Vigotski também planeja sua mudança para 1934.

-
5. Encontramos nas cartas de Vigotski (2008) alusões que mostram que ele teve consciência plena da gravidade da situação.
 6. Essa separação geográfica dos membros da *troika* significa também o começo de uma divergência entre suas posições teóricas que os escritos de Leontiev mostram, quando este começa, a partir dos anos 30, a esboçar sua teoria da atividade (Friedrich 1993, 1997).

Nesse período, continua seus trabalhos de pesquisa e ensino em várias instituições moscovitas, vai a Leningrado para dar aulas de pedologia e termina seu livro principal *Pensamento e linguagem*, que será publicado alguns meses depois de sua morte, em 1934.

Em 1936, é editado o decreto do Partido Comunista da União Soviética, chamado *Decreto da pedologia*, que trouxe a destruição de uma grande parte dos resultados das atividades intelectuais tão ricas e criativas dos anos 20. A obra de Vigotski é colocada no índice, seus trabalhos são retirados de circulação, seus artigos são minuciosamente cortados das revistas e das obras nas bibliotecas públicas. Só em 1956 é que Léontiev e Luria reeditam *Pensamento e Linguagem*, que será traduzido para o inglês em 1962. A partir dos anos 70, a recepção de Vigotski como fundador da escola histórico-cultural em psicologia encontrar-se-á em plena emergência no mundo ocidental. Em 1990, saem os seis volumes de *Obras completas* (Vigotski 1982-1984) em russo. Um projeto semelhante é desenvolvido por R. Rieder e seus colaboradores desde 1987 nos Estados Unidos. Vertentes e escolas se constituem e se distinguem com leituras e pesquisas específicas, muitas vezes fortemente ancoradas em debates que ocorrem em culturas científicas nacionais. Apesar de um grande esforço editorial que, na França, desde 1985, deu acesso aos textos mais importantes de nosso autor, com traduções de grande qualidade, é preciso ressaltar que um número grande de seus escritos ainda não foram editados, até mesmo na Rússia, onde novos projetos editoriais começam a ser desenvolvidos (Vigotski 2001).